

pesadelo de corvos
série o mundo dos outros / volume 3
anne bishop

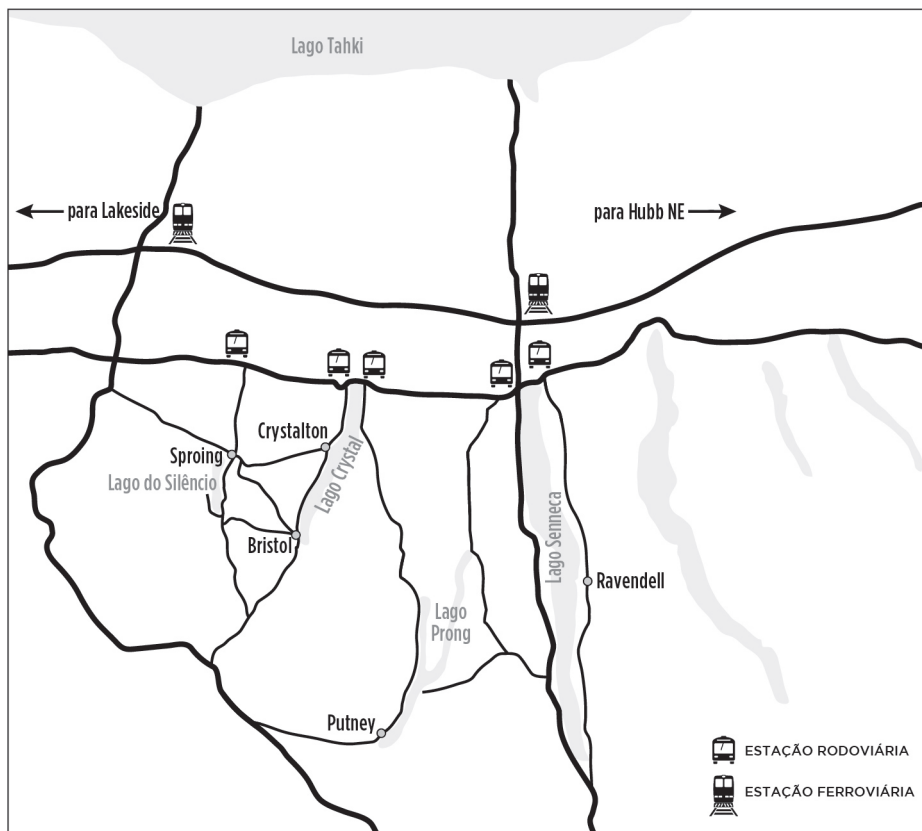
Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Jennifer Crow

Lagos do Dedo/da Pena



© 2017 Anne Bishop

Nota: Este mapa foi criado por uma autora com défice geográfico, a qual fez o possível por fazer corresponder as estradas principais à história. Contudo, não se espere grande precisão.

Podes crocitar,
Podes gritar.
Tem cuidado, senão
O Corvosso vai-te levar!
— RIMA DOS CORVOS

Capítulo 1

VICKI

Quase no Dia do Sol, 30 de Cinza

A culpa não foi minha. Certo, se calhar até *foi*, porque já devia saber que os Corvos que trabalhavam para mim ficariam excitados com uma celebração humana chamada Noite do Brincão e quereriam participar em primeira mão — primeira asa? — em tal festividade. Também já devia saber que iriam falar ao resto dos Corvos e às outras formas de *terra indigene* que moravam no Cacharolete do costume humano de se mascararem para parecerem assustadores. Nas semanas que antecederam a noite propriamente dita, Aggie, Jozi e Eddie Corvo chatearam cada humano de visita ao Cacharolete para saberem como «fazer o Brincão à séria» — quais as máscaras, as guloseimas, o que dizer e fazer.

O Wayne Grimshaw, chefe da polícia de Sproing, poupava nos detalhes sempre que ia ver como eu estava. O Julian Farrow, dono da Casa do Leite Ouro, tinha cuidado com as explicações. Já a Paige e a Dominique Xavier contavam alegremente aos Corvos as suas aventuras de infância e o que vestiam quando batiam à porta dos vizinhos e gritavam:

— Doce ou travessura!

Depois de receber um dos olhares gelados típicos do Grimshaw, que lhe transformavam os olhos cinzento-azulados num cinzento de aço, a Paige e a Dominique frisaram rapidamente que as travessuras *não* eram o grande objetivo da noite.

— Não vai ser assim tão mau — murmurara certa tarde à Ineke Xavier, enquanto esperávamos, junto ao carro dela, que a Paige e a Dominique acabassem de «explicar» mais alguns pormenores sobre a Noite do Brincão aos meus funcionários Corvos. — As reservas para as cabanas junto ao lago e para as *suites* na casa principal são todas com adultos. Não há crianças.

— Compraste doces suficientes para distribuir? — perguntou a Ineke, soando levemente curiosa.

«Levemente curiosa», vindo de uma mulher com uma tatuagem na coxa que dizia «Enterro os Problemas», não devia ser confundido com uma curiosidade verdadeiramente leve.

— Quem é que achas que vem ao Cacharolete à procura de rebuçados? — indaguei.

— O Pops Davies comentou que não tinhas ido à loja buscar os sacos de doces que ele te tinha reservado. Chocolates pequenos.

Pestanejei.

— Chocolate? A sério? — Desde a Grande Predação — uma altura terrível no ano passado, em que Anciães e Elementais haviam varrido o mundo e dizimado a população humana como retaliação por o movimento dos Humanos em Primeiro e Último Lugar ter começado uma guerra e matado formas metamorfas de *terra indigene* — que já não havia tanta coisa disponível, incluindo pequenos chocolates. Podia oferecer alguns dos chocolates aos meus hóspedes e guardar uma reserva para aqueles dias em que precisasse de uma recompensa por ter aguentado um dia mais difícil.

Fiz questão de me lembrar de telefonar ao Pops, a dizer-lhe que não vendesse o chocolate a mais ninguém, pois eu estava interessada nele.

— Estás esgotada para os dias antes e depois da Noite do Brincão? — perguntou a Ineke, ainda levemente curiosa e arrancando-me aos meus devaneios chocolateiros.

— Sim. — Havia semanas que estava esgotada, pelo que nem imaginara que houvesse alguma coisa de estranho com as reservas, pois estávamos a chegar ao fim da época mais alta de turismo e continuava a haver um mínimo de três dias de estadia — mas estava a começar a perceber que talvez, quem sabe, pudesse ter feito alguma coisa para merecer aquele olhar que o Grimshaw me atirara ontem à noite, quando cá estivera a jogar bilhar com o Ilya Sanguinati, que era um vampiro muito apetitoso e o meu advogado.

— Eu também — disse a Ineke. — Não é normal ter tanta gente a reservar especificamente uma estadia de três dias a meio da semana para cá estarem na Noite do Brincão. — Teve pena minha. — Os residentes do Cacharolete vão ter fatos *espetaculares*.

— Eles não precisam de fatos. A maior parte...

Finalmente percebi. A Aggie, a Jozi e o Eddie eram capazes de passar por humanos, a menos que ficassem excitados a ponto de começarem a produzir penas pretas. O Robert «Chama-me Cougar» Panthera e o Conan

Beargard eram capazes de passar por humanos se ignorássemos o excesso de pilosidades corporais do Conan e o facto de que eles ainda tinham problemas com os dentes. Iam minimizando a coisa à medida que passavam mais tempo junto de humanos, mas os dentes ainda eram uma mistura arrepiante de humano e de grande predador. Quanto aos restantes residentes *terra indigene* do Cacharolete...

A forma intermédia não é totalmente a forma de um animal individual, nem é totalmente humana, e não é, de todo, a forma verdadeira deles, a não ser que o ser humano seja o prato principal desse jantar. Se calhar nem então, pois da única vez que perguntei ao Ilya quanto ao mistério em torno da forma verdadeira dos Outros, ele dissera, muito, *muito* baixinho:

— Não queira saber, e não o devia perguntar a mais ninguém.

Percebi a deixa e não voltei a falar no assunto.

Nos dias antes da Noite do Brincão ocupei-me a cuidar dos meus hóspedes atuais, a preparar-me para os que chegariam em breve e a aprovar os «fatos» dos residentes a tempo inteiro do Cacharolete. Depois de convencer a Aggie, a Jozi e o Eddie de que uma forma intermédia que exibisse *demasiado* Corvo a par das formas humanas seria mau para o negócio, eles concordaram em manter a alteração como sendo uma cabeça de Corvo de dimensão humana e algumas penas nas mãos, o que seria minimamente assustador, sem, no entanto, dar um ataque cardíaco aos hóspedes. Esperava eu. Isso também implicaria que não fossem capazes de falar com os hóspedes, nem de transmitir quaisquer mensagens sobre o que eles poderiam querer, mas isso, por uma noite, não seria problemático. Quanto aos restantes Outros que quisessem aproximar-se dos humanos para os estudarem durante a celebração...

Raposa fêmea com orelhas de raposa, cauda de raposa a aparecer por uma racha nos corsários e patas anteriores de raposa com dedos alongados, necessários para segurar o saco das guloseimas. Gira.

Lince macho com o aspeto normal de quando levava os hóspedes a passear pelo Cacharolete de carroça puxada por um burro — ou seja, parecia mais Lince do que humano, mas era capaz de conversar com os humanos. Mais ou menos. O «fato» dele consistia de uma capa curta que talvez pudesse ter vindo da grande caixa de cartão com os perdidos e achados que eu guardava num dos quartos do rés do chão que não estava a usar. Tinha a certeza de que havia hóspedes que deixavam cá ficar coisas de propósito — um livro, uma camisola, uma escova — para os Outros as usarem. E

outras coisas ficavam para trás porque os hóspedes tinham demasiada pressa em sair para confirmarem os roupeiros ou as gavetas.

Curiosamente, os hóspedes que se sentiam motivados a partir à pressa eram os mal-educados, os demasiado exigentes ou os que se punham excessivamente à vontade com a Aggie, com a Jozi ou comigo. Nunca lhes perguntei a razão para essa motivação, pois havia no Lago do Silêncio formas de *terra indigene* mais assustadoras do que uma Pantera, um Urso-negro ou os Sanguinati, e eu não queria ter a certeza de que *elas* observavam os hóspedes da mesma maneira que alguns dos meus hóspedes observavam as formas mais... benignas?... de Outros.

De volta aos fatos. Havia outras misturas de humano e animal que... Certo, a ideia era um aspeto assustador, mas com o Cougar e o Conan era preciso explicar-lhes que havia níveis diferentes de assustador, e se não quisessem ter de espalhar uma camada espessa de areia — da praia ou de gato — à frente da porta para absorver o xixi das crianças e dos adultos aterrorizados, era bom que ajustassem a forma da Noite do Brincão para alguma coisa que não fosse *demasiado* assustadora.

Rapazes incluídos, assisti a seis indivíduos a «ajustarem» o aspeto até lhes dar o meu aval. Depois peguei na chave do armário das bebidas, onde o Grimshaw e o Julian guardavam o uísque, escolhi a garrafa que estava aberta sem olhar para o rótulo e servi-me de uma dose generosa de coragem para me aguentar durante o resto daquele dia.

O *check-in* faz-se até às duas e já não tinha vagas. Não que houvesse muitos quartos disponíveis. Nesta altura do ano não oferecia os pavilhões «primitivos». Dos doze pavilhões do Cacharolete, três dos situados junto ao lago haviam sido renovados e contavam com eletricidade e água corrente. Dois estavam disponíveis para os hóspedes, pois os três Corvos que trabalhavam para mim ocupavam o terceiro pavilhão. Contava ainda com duas *suites* com casas de banho privativas na casa principal. Os dois pavilhões renovados tinham duas camas individuais num deles e uma cama de casal no outro. As *suites* no edifício principal tinham uma cama de casal e um sofá-cama em cada. Os sofás-cama eram uma compra recente para os hóspedes que trouxessem um filho ou outro familiar para o Cacharolete, mas também resultava para uma série de acomodações.

Todos os meus hóspedes da Noite do Brincão chegaram a 30 de Cinza pouco antes do *check-in* e passaram o tempo com conversa de ocasião enquanto eu tratava dos registos. Eram todos adultos, nada que eu não

esperasse. O Fred e a Wilma Cornley, um casal quase casado de fresco, reservara uma das *suites* na casa central. A outra *suite* estava em nome de Ben Malacki e David Shuman, professores numa das universidades dos Lagos do Dedo. Imaginei que fossem tirar à sorte para verem quem dormia no sofá-cama e quem ficava com a cama de casal. A Jenna McKay ficara com o pavilhão de camas individuais, pois originalmente fizera uma reserva para duas pessoas, mas a acompanhante cancelara à última hora. Quando soube que o Ian e o Michael Stern, primos que tinham acabado com o último pavilhão, iam tirar à sorte para ver quem ficava com a cama de casal e quem ficava com o colchão insuflável e o saco-cama que haviam trazido «por via das dúvidas», a Jenna ofereceu-se para mudar de pavilhão com eles, e assim ficariam com as duas camas individuais. Isso era positivo para toda a gente, e, acompanhados pelos meus funcionários Corvos, três dos hóspedes encaminharam-se alegremente para as suas casas longe de casa.

Não queria saber quem dormia onde, contanto que os hóspedes não fossem porcos, nem atraíssem demasiada atenção. Mas eu estava precavida contra isso com um aviso na receção que dizia: SE O SEU COMPORTAMENTO CHAMAR A ATENÇÃO, É VOCÊ QUE TERÁ DE SE EXPLICAR A ALGUÉM QUE O PODERÁ COMER. BOA SORTE.

Não era subtil, pelo que a maioria dos hóspedes percebia a deixa, e ninguém fora comido desde a situação desagradável do verão passado, quando o meu ex-marido e os capangas dele me tentaram expulsar do Cacharolete para o transformar numa estância de luxo.

Acompanhei os Cornleys e os dois professores às *suites* respetivas. No percurso sugeri-lhes possíveis atividades que talvez pudessem apreciar durante a estadia, realçando as festividades do dia seguinte, pois supunha que fosse esse o motivo da presença deles, e também frisando que a televisão já estava reservada para o serão. Uma vez que se tratava do único televisor que os hóspedes tinham ao seu dispor, tratava-se de uma maneira pouco subtil de dizer *Se tentarem mudar de canal é bom que tenham o testamento pronto*.

Como era a noite de polícias e crimes tinha encomendado piza e saladas suficientes do Pizza Shack em Sproing para dar de comer aos funcionários e aos hóspedes. Enquanto proprietária é suposto estar disponível para os hóspedes, mas o Conan e o Cougar deixaram bem claro a todos que, se quisessem manter os dedos intactos, era bom que não me incomodassem, nem ao restante pessoal, durante as séries de polícias e crimes.

Pasme-se: os hóspedes ficaram todos a ver as séries connosco, mesmo os quase casados de fresco. Os homens devoraram piza — sendo assisados

quanto bastasse para deixarem em paz a Carnívora Especial depois de o Conan e o Cougar lhes terem rosnado — e responderam a perguntas sobre o comportamento humano, tanto nas séries como nos anúncios. A Jenna e a Wilma praticamente só comeram salada, a qual quase derrubaram para cima delas quando a Aggie se pôs de pé de um salto e começou a gritar a um dos polícias na série quando ele *não* prestou atenção ao corvo nas árvores, o qual, segundo a Aggie, tentava alertá-lo para o facto de que o humano matreiro tinha *acabado* de passar por ali e estava à espera para o apanhar numa armadilha.

Isso levou a uma discussão animada durante o intervalo sobre se o polícia, que não falava nem corvo *nem* Corvo, se teria apercebido de que estava a ser alertado. E depois todos se interrogaram se o corvo seria apenas um pássaro que por acaso estava numa árvore quando se filmara a cena ou se era *suposto* ser um elemento do Clã dos Corvos.

Isso, por sua vez, levou a que se perguntasse como escrever para o programa a sugerir que contratassem um Corvo que ajudasse os polícias da série, à semelhança do que os Corvos faziam para apoiar a polícia que protegia Sproing.

Os meus hóspedes ficaram fascinados com essa suposta ajuda. Eu lá fui comendo a minha piza, enquanto agradecia aos deuses o facto de o Grimshaw não ter decidido ali aparecer para uma partida de bilhar e umas fatias de piza. Sabia bem o olhar de que *eu* seria alvo se os meus hóspedes comessem a perguntar como os Outros ajudavam a polícia a deter criminosos. Dizer a verdade — que os criminosos eram normalmente comidos se a polícia não os apanhasse primeiro — não seria saudável para o turismo de Sproing. Nem para as minhas contas.

O Grimshaw não assistia às séries de polícias e crimes, embora amiúde lá passasse, pois a noite de polícias e crimes era igualmente noite de piza. O Julian Farrow também não via as séries, pois ele fora polícia até ao Incidente que lhe dera por encerrada a carreira e receava que aparecesse qualquer coisa nos programas que lhe provocasse memórias pós-traumáticas. Portanto, sempre que o Grimshaw ou o Julian apareciam nessas noites, iam à procura de piza e de bilhar. Pelo menos era isso que eles diziam, mas o David Osgood, o polícia caloiro que trabalhava para o Grimshaw, contara à Paige Xavier, que mo transmitira a mim, que o chefe Grimshaw comentara que eu atraía problemas, sendo esse o verdadeiro motivo pelo qual ele cá passava uma ou duas vezes por semana. A sentir o pulso da coisa, por assim dizer.

Quanto a mim, preferia pensar que isso era apenas uma espécie de justificação à Grimshaw para dar um salto ao Cacharolete. O Ilya Sanguinati transformara um dos meus quartos do rés do chão numa espécie de salão de bilhar só para que o Grimshaw tivesse um espaço privado onde jogar. Também podia ser usado pelos meus hóspedes, mas quando aparecia na porta o sinal de RESERVADO, isso significava que o Grimshaw estava a jogar ou sozinho, ou com o Julian e/ou o Ilya. Quase como um clube exclusivo — e todos ficáramos a saber como *isso* podia levar a problemas, mas os três machos gostavam de poder debater assuntos num ambiente informal. Sentir o pulso da aldeia — e manter os olhos na atratora de problemas, um rótulo que me parecia injusto, pois daquela primeira vez eu limitara-me a telefonar para a polícia a dar conta de um morto, depois de ter impedido que a Aggie lhe comesse um olho ao almoço.

E há umas semanas limitara-me a referir a Noite do Brincão, pelo que nada do que acontecera em seguida fora culpa minha.

Capítulo 2

GRIMSHAW

Dia do Vento, 31 de Cinza

Nem mesmo em pequeno Wayne Grimshaw percebera o sentido da Noite do Brincão. Para quê vestir uma máscara para correr por umas ruas lá do bairro a bater à porta das pessoas para receber uma mistura questionável de doces que, na sua maioria, era composta por coisas que nunca chegaríamos a comer?

Claro que quando *tivera* de participar, pois os pais queriam que ele fizesse uma atividade com outras crianças, ele mascarara-se sempre de algum tipo de agente da autoridade. Polícia. Ranger da fronteira. Um detetive à moda antiga, de fato e chapéu de coco. Da última vez que os pais o encorajaram a ir bater às portas alheias, fora de polícia à paisana, com o fato composto por um par de calças de ganga, uma *T-shirt* branca, um blusão de cabedal em segunda mão e muito mau feitio.

A opção de carreira não surpreendeu ninguém que o conhecesse em jovem. A escolha da brigada de trânsito também não foi inesperada. Encaixava-se na perfeição no papel de agente solitário que percorria as autoestradas do território selvagem e ajudava quem se tivesse envolvido num acidente ou precisasse de outro tipo de assistência — ou prendia palermas que julgavam que podiam importunar os Outros e afastar-se tranquilamente —, isso, claro, *se* o agente conseguisse deter o dito palerma *antes* de este ser apanhado por uma das maiores e mais perigosas formas de *terra indigene*, depois esquarterado em pedaços e distribuído generosamente como refeição para os carnívoros mais pequenos.

A surpresa foi dar consigo como chefe da esquadra de dois elementos da aldeia de Sproing, uma pequena comunidade humana perto do Lago do Silêncio, o mais ocidental dos lagos do Dedo. Ou lagos da Pena, dependendo da espécie que se referia às massas de água. A sua presença em Sproing

começara por ser uma missão temporária ao responder ao telefonema que Vicki DeVine fizera para a Esquadra de Bristol, a dar conta de um cadáver. Esse corpo fora o primeiro de muitos, com um grupo secreto de homens a tentar retirar o Cacharolete a Vicki. O ex-marido julgara que ela seria fácil de intimidar, não se apercebendo de que entre os novos amigos dela se contavam vários Corvos, uma Pantera, um Urso, os Sanguinati, que eram o seu advogado e a contabilista, e alguns Elementais, destacando-se a Senhora do Lago.

O solitário que sempre fora vira-se ao lado de Julian Farrow, um amigo dos tempos da academia; de Ineke Xavier, a intimidante proprietária da pensão da aldeia; e de uma variedade de *terra indigene* para proteger Vicki DeVine e, por acréscimo, toda a aldeia. A consequência *disso* fora a proposta de se tornar chefe da polícia de Sproing.

E ali estava ele, na rua principal de uma aldeia cuja população aumentara para quase quatro centenas de residentes — um salto notável das trezentas pessoas que viviam em Sproing no dia em que entrara pela primeira vez na esquadra —, a pensar sobre um costume que encorajava as crianças a saírem ao pôr do sol, vestidos de maneiras que dificultavam que se soubesse, sem se examinarem os dentes, se os miúdos eram humanos mascarados de peludos bizarros ou jovens peludos a apreciarem uns momentos em que não serem capazes de parecer humanos poderia ser uma vantagem.

Disponha de três opções onde recolher informações sobre a aldeia: as Xaviers, na pensão; Helen Hearse, à frente do Toma Lá, o restaurante da aldeia; e Julian Farrow, proprietário da Casa do Leite Ouro, um estabelecimento que servia, ao mesmo tempo, de livraria e de biblioteca de edições de bolso usadas da aldeia.

Grimshaw decidiu que ficaria mais bem servido de informações com Julian, além de que poderia escapular-se num espaço de tempo razoável, pelo que fechou o blusão e atravessou a rua, preparando-se para um encontro com os Sproingers, as diminutas criaturas que lembravam umas ratazanas alegres e saltitantes, mas que, na verdade, eram uma forma letalmente venenosa de *terra indigene*. Eram a grande atração turística de Sproing. Saltitavam pela aldeia, recebendo bocados de cenoura ou de cabaça dos lojistas, enquanto pessoas de toda a Região Nordeste de Thaísia chegavam a Sproing em busca de uma fotografia com os saltaricos de cara sorridente, para depois comprarem uma *T-shirt* a dizer EU ♥ SPROINGERS.

Em todo o continente de Thaísia, os Sproingers eram nativos e exclusivos do território entre Sproing e o Lago do Silêncio.

Louvados fossem os deuses pelas pequenas graças.

Julian Farrow estava à porta da livraria com uma taça de rodela de cenoura que ia distribuindo à laia de guloseimas.

Quando frequentaram a academia juntos, por vezes os instrutores chamavam-lhes Dia e Noite, por terem aparências opostas. Já na altura, Grimshaw era um homem entroncado, de cabelo louro-escuro e olhos cinzento-azulados, ao passo que Julian tinha uma figura esguia e um rosto finamente cinzelado, olhos cinzentos e cabelo escuro. Em muitos aspectos, continuavam a ser opostos. Grimshaw continuava a usar cabelo curto, enquanto o de Julian era comprido o suficiente para parecer desganhado ou despenteado da cama ou o adjetivo com que as mulheres gostavam de qualificar essas coisas. Julian ostentava uma pequena cicatriz por baixo do malar esquerdo — recordação dos ataques que haviam ditado o fim da carreira de Farrow como polícia.

Julian tinha ainda outras cicatrizes, nem todas visíveis.

À semelhança das crianças que andavam em pequenos grupos de loja em loja, os Sproingers dirigiam-se aos estabelecimentos em bandos reduzidos. Uma breve avaliação das criaturas que via apontava para que fossem cerca de cinquenta elementos, metade da população de Sproingers. Nem queria imaginar onde poderia andar a outra metade.

Deixou-se ficar à beira do passeio e continuou a perscrutar a rua, enquanto Julian lidava com dois rapazes de chapéus e mitenes à peludo, uma extensão de corda da roupa presa às calças e aos saltos atrás dos Sproingers.

— Eu tenho cenouras — informou Julian. — A Helen tem quadrados de *brownie* no Toma Lá.

Os aspirantes a Sproinger lá foram aos saltos até ao restaurante, à procura de melhores sabores. Grimshaw abanou a cabeça e juntou-se a Julian.

— Queres uma cenoura? — Julian ofereceu a taça.

Grimshaw hesitou, após o que aceitou um bocado.

— Porque não?

— Hoje quase foste chamado para apartar duas turistas na loja do Pops Davies. Afirmavam ter pegado no último molho de cenouras que lhes poderia garantir um contacto pessoal com os Sproingers. Felizmente, o agente Osgood apareceu antes do primeiro murro e frisou que, já que estavam as duas hospedadas na pensão, podiam dividir o custo das cenouras e dos doces com que quisessem contribuir para a taça de guloseimas que as Xaviers estavam a usar para atrair residentes mascarados.

Grimshaw suspirou.

— Tenho um agente disponível para me ajudar a patrulhar três potenciais fontes de sarilhos. — O Cacharolete era um deles; a pensão era outro. Para ele, a aldeia de Sproing, na sua totalidade, constituía o terceiro.

— Dois agentes, duas fontes — emendou Julian. — Esta manhã ouvi a Ineke a entrar na sala de jantar com a «máscara» dela, um casaco de cabedal comprido por cima de um *top* sensualíssimo e um par de calções a isto de serem considerados ilegais.

— Os hóspedes viram bem as tatuagens dela?

— Hum-hum.

Grimshaw assentiu. Ineke tinha um revólver fumegante na coxa esquerda. Na direita via-se uma caricatura de Ineke de olhos grandes com uma pensão em miniatura enfiada no cabelo policromático e um colar composto por lápides. Por baixo da caricatura estavam as palavras «Enterro os Problemas».

As Xaviers não tinham absolutamente nada de *Outro*. Elas *eram* humanas. Limitavam-se a ser Fêmeas de uma forma de tal maneira potente que era um pouco assustador. Por vezes muito assustador.

David Osgood saía casualmente com Paige Xavier; pensou no que isso poderia querer dizer sobre o jovem agente. Pelo menos Osgood julgava que era uma relação casual. Grimshaw achava que os peixes deviam ser todos iguais depois de morderem bem o anzol. A questão era se Paige acreditava em pescar e soltar, ou se só punha isco no anzol quando estava determinada a ficar com o que apanhasse.

Não soubera nada acerca de Dominique, a terceira Xavier, mas isso podia dever-se ao facto de não ter perguntado à pessoa certa.

— Portanto, esta tarde, a canalha vai andar a fazer doce ou travessura na Rua Central para mostrarem os fatos antes de se limitarem às ruas onde moram? — indagou Grimshaw, observando quatro jovens a acercarem-se lentamente da Leite Ouro. Os dois rapazes e uma das raparigas eram adolescentes, embora não fossem da mesma idade. A outra menina parecia mais encaixar-se na faixa etária abaixo dos dez anos. Elas usavam vestidos pretos pelos gémeos; eles vestiam fatos pretos com camisas cinzento-claras. *Podiam* ser humanos jovens mascarados, não fosse terem todos cabelo escuro, olhos escuros e pele cor de azeitona, o que revelava, manifestamente, Sanguinati.

— Wayne... — Julian relanceou os quatro jovens e depois olhou para as janelas do primeiro andar da esquadra. Paulo Diamante, o único advogado humano da aldeia, estava instalado num gabinete no primeiro andar. Os ocupantes do outro gabinete, o escritório sem nome na porta, tinham

muita influência em Sproing e no Lago do Silêncio e seus arredores — além de serem donos de vários dos edifícios comerciais e do banco.

Ilya Sanguinati susteve o olhar de Julian por alguns segundos, após o que se afastou da janela.

— Andam a dar uma vista de olhos por aí? — perguntou Grimshaw, mantendo um tom afável.

— Sim. Senhor — respondeu o adolescente mais jovem. — Estamos a... deambular.

Não seria, de todo, um termo que o rapaz usasse com frequência, e o discurso titubeante dava a entender um contacto limitado com humanos.

— E a observar — acrescentou o adolescente mais velho.

Este tinha mais confiança — e por baixo dessa segurança havia qualquer coisa que fez o instinto de polícia de Grimshaw retinir por um instante, após o que a sensação se desvaneceu. O rapaz podia apenas parecer mais maduro por ser uns anos mais velho do que o outro. Mas também podia ser outra coisa.

Ou então era ele que estava irritadiço por não querer ter de lidar com uma Noite do Brincão em Sproing.

Os quatro jovens ficaram em sentido quando Ilya Sanguinati atravessou a rua e se juntou a eles. Foi tudo muito subtil, mas Grimshaw ficou a saber que aqueles pequenos estavam habituados a obedecer aos líderes. Ou ao membro dominante da família?

— Se quiserem dar uma vista de olhos, a livraria está aberta — indicou Julian.

Os jovens olharam para Julian e depois para Ilya.

— Podem entrar até que o Boris chegue com o carro — autorizou Ilya. Julian chegou-se para o lado.

O sorriso tímido da adolescente não batia certo com o olhar avaliador que lançou a Julian antes de desviar a atenção para o chão e entrar afetadamente na loja.

Que os deuses nos livrem e guardem das raparigas desta idade, seja qual for a espécie, pensou Grimshaw. Depois interrogou-se se aquele misto de timidez e curiosidade se deveria a outra coisa que não a idade. Sabia como os Sanguinati caçavam. Estaria a ver uma adolescente a ganhar noção da sua atração por homens — ou estaria a olhar para uma predadora que usava o sexo como engodo?

E como fazer essa pergunta a Ilya Sanguinati sem ofender o líder da Casa do Silêncio?

— Família de visita? — quis saber Julian.

— Digamos que sim — respondeu Ilya. Depois hesitou e Grimshaw percebeu que se tratava de um daqueles momentos em que ficaria a saber a confiança que ele e Julian haviam conquistado entre os Sanguinati.

— De momento, os Sanguinati da Casa do Silêncio não têm crias próprias — continuou Ilya. — Dadas as circunstâncias, é possível acolher jovens de outros grupos de modo a promover a formação deles e a dar-lhes experiências que não estejam à sua disposição nos territórios de origem.

— Como por exemplo interagir com humanos que os Sanguinati adultos considerem seguros? — aventou Julian.

— Exatamente. Tais oportunidades são escassas para os jovens, e a Casa do Silêncio, à semelhança do Pátio de Lakeside, conta com essa reputação. O que é uma honra.

Grimshaw ficou com a impressão de que Ilya não se sentia, de todo, honrado.

— Se deixares que as raparigas adquiram conhecimentos com a Paige Xavier, és tu que lidas com as consequências.

Ilya pareceu sobressaltado. Julian reprimiu uma gargalhada.

— Estava a pensar em apresentá-las à Victoria — disse Ilya daí a um momento.

Valham-me os deuses. Depois do que aconteceu quando a Vicki e uma Corvo juvenil ficaram amigas. A recordação deve ter transparecido na expressão dele, pois de repente Ilya evitou-lhe o olhar.

— Ah, temos o Boris. — Ilya pareceu aliviado — e um tudo-nada pálido.

Como se convocados, os jovens Sanguinati saíram em fila da Casa do Leite Ouro.

— Senhor? — disse a rapariga mais jovem. — É permissível adquirir livros?

Os adultos, tanto os humanos como o vampiro, hesitaram. Provavelmente porque nenhum deles sabia qual o «senhor» que devia responder.

— Sim — adiantou-se Ilya. — Mas não agora. O senhor Farrow vai encerrar mais cedo por causa da Noite do Brincão. Voltaremos amanhã.

Atravessaram a rua e Boris, motorista de Ilya, abriu a porta de trás do sedã preto de luxo.

Um a um, os jovens de aspeto humano transformaram-se numa coluna de fumo e fluíram para as traseiras do carro. Quando as quatro colunas

desapareceram no interior, Boris fechou a porta. Ilya sentou-se no lado do pendura e Boris instalou-se ao volante.

— Adultos à frente, crianças atrás — observou Julian. — Não são muito diferentes dos humanos.

Grimshaw via bastantes diferenças e não estava ansioso por ter de falar com Ilya para que não permitisse que os jovens lanchassem às custas dos turistas — nem de mais ninguém. Afinal de contas, um dos motivos por que os Sanguinati ajudavam a manter Sproing habitada era a possibilidade de ter um fornecimento de refeições transitórias. E como os Sanguinati adultos eram mestres de sedução romântica, o grosso das presas não associavam uma dentadinha de amor à extração de sangue.

Não admirava que, nos seus estabelecimentos, Ineke Xavier e Helen Hearse servissem bastantes alimentos ricos em ferro para contrariar a languidez natural do repouso e relaxamento vividos por alguns dos turistas de Sproing.

Essa explicação fora-lhe adiantada em momentos distintos, e com algumas variantes, quando reparara na alteração sofrida por vários turistas hiperativos. Mas só Ineke frisara que as mulheres lânguidas ostentavam um sorriso particular no dia seguinte — um sorriso que Ineke esperava que ele, enquanto homem que gozara de companhia feminina em algum momento da sua vida, reconhecesse.

Grimshaw mudara de assunto e não voltara a falar no tema. Pelo menos onde qualquer das Xaviers o pudesse ouvir.

— Amanhã podia mandar o Osgood, para não teres de ficar sozinho com as Sanguinati, mas ele já está assoberbado — comentou.

— Eu sei ter cuidado. Pelo menos com as mulheres.

Deixou o comentário pairar no ar entre eles e perguntou casualmente:

— Vais esta noite ao Cacharolete?

Julian assentiu.

— Fui convidado para a festa que a Vicki vai organizar para os hóspedes, e acho que os residentes devem participar todos na parte do doce da Noite do Brincão. Ouvi dizer que os académicos que estão nos Pavilhões da Ribeira da Nora também foram convidados, para observarem os Outros, mas o convite deles contou com uma adenda para levarem as deles.

— As quê deles...?

— Comida e bebida.

— Faz sentido. — Grimshaw fez uma breve pausa. — Quantas pizzas é que vais levar?

Julian riu-se.

— Quatro.

Grimshaw aquiesceu.

— Parece-me bem.

— Também vais?

— O Osgood bem pode atender telefonemas na esquadra esta noite. Imaginei que ir ao Cacharolete seria a melhor maneira de ver quem anda nos arredores do Lago do Silêncio e pode vir a cruzar-se com humanos. E vou escutar os académicos de volta aos Pavilhões da Ribeira da Nora, pois vão conduzir de noite.

Mesmo sendo uma comunidade humana, Sproing não era controlada por seres humanos. Isso significava que não havia fronteiras marcadas entre os humanos e o território selvagem. Já não havia recolher obrigatório, mas ninguém com juízo se deixava ficar muito tempo na rua depois de escurecer.

— Até logo, no Cacharolete — despediu-se Grimshaw.

— Vais de máscara? — perguntou Julian quando o chefe da polícia chegou a meio da rua.

A resposta foi um gesto inconfundível com a mão que fez resfolegar duas mulheres que andava a ver nas últimas semanas. Residentes novas? Bem, quando aceitara o trabalho não prometera desenvolver as competências de relações públicas. Pelo menos com a população humana. Mesmo assim...

— Minhas senhoras. — Ofereceu-lhes um aceno de cabeça à laia de cumprimento e entrou na esquadra.

O sítio tinha um aspeto antiquado, mas era limpo, tinha tudo aquilo de que ele e Osgood precisavam e espaço suficiente para mais um agente, agora que lá haviam enfiado uma terceira secretária com computador para assuntos da polícia — isso, se alguém se mostrasse interessado em trabalhar num sítio como Sproing. Até então, ele e Osgood haviam conseguido lidar com o trabalho, sobretudo depois de os residentes terem percebido que podiam ser visitados por coisas peludas de presas com curiosidade suficiente para quererem «ajudar».

Esperava que uma alteração por causa do último molho de cenouras ou o último saco de rebuçados fosse o pior com que tivesse de se haver, sobretudo se, nessa noite, ficasse com Vicki DeVine debaixo de olho. Ela tinha boas intenções e não havia dúvida de que voltar a ter o Cacharolete como fonte de potenciais problemas promovera a economia de toda a aldeia, mas

também era por causa dela que sabia muito mais acerca dos residentes *terra indigene* em torno do Lago do Silêncio do que a maioria dos humanos da zona. E esse conhecimento não ajudava a ter noites descansadas.

Por outro lado, ele acreditava piamente que a ignorância, ao contrário de ser uma bênção, era uma treta. Se lhe dessem a escolher, preferia perder o sono e ter a possibilidade de acordar na manhã seguinte.

Capítulo 3

ELES

Dia do Vento, 31 de Cinza

O adversário dele estava ali! Em *Sproing*! Haviam concordado em não trabalhar no mesmo sítio ao mesmo tempo, pois os resultados de um projeto de investigação talvez preocupassem as autoridades, mas, dada a natureza da pesquisa, dois projetos chamariam demasiadas atenções. Há semanas que planeava aquilo, que preparava o terreno, por assim dizer, e juntava todas as peças do projeto. Com todo o cuidado. Cuidadosamente, pois aquilo era, de longe, mais perigoso do que uma investigação que lidasse apenas com seres humanos.

Os *terra indigene* tinham as suas fraquezas, tinham os seus defeitos, e ele tinha queda para encontrar essas fraquezas e para explorar esses defeitos, qualquer que fosse a espécie. Por vezes bastava repetir a alguém vezes sem conta que os seus pensamentos mais negros eram verdadeiros e que justificavam que se fizesse mal aos outros — da sua espécie ou qualquer outra. De outras vezes era preciso mais esforço para chegar ao resultado pretendido.

Estava tudo pronto. Não havia sítio melhor para tão particular experiência, pelo que não tinha alternativa. Precisava de avançar com os planos para aquele serão — e lidaria da maneira adequada com qualquer potencial interferência.

Adversário. Não. Isso implicava alguém com a mesma força e a mesma competência, o que não era o caso. A rivalidade existia desde há anos e ele nunca fora suplantado. Nunca.

Nem seria derrotado agora.

Capítulo 4

VICKI

Dia do Vento, 31 de Cinza

Na Noite do Brincão, as crianças começaram a chegar ao final da tarde. Posteriormente fiquei a saber que a Rua do Lago ficou atulhada de carros de ambos os lados e que um homem de cabelo ruivo com pontas amarelas e azuis, montado num cavalo castanho com crina de um cinzento-tempestade, orientara o trânsito. Só foram precisas umas quantas buzínadelas para que os condutores mais impacientes se desparassem com um tornado de fogo, no lugar do cavalo e seu cavaleiro, o que levou a que todos ficassem pacientes e educados.

Portanto, o Aiden, o Elemental do Fogo, e o Ciclone, que parecia um pônei rechonchudo quando não estava com a forma de um corcel Elemental ou de uma devastação eólica, controlaram o trânsito, enquanto alguns dos pais mais empreendedores com veículos maiores transportaram as crianças desde a estrada de acesso até à casa principal do Cacharolete, onde recebiam as guloseimas distribuídas pelo Cougar e pelo Conan.

O Grimshaw deixou-se ficar junto à porta, a observar todos os que apareciam e a perscrutar as trevas que pareciam engolir a luz que emanava de todas as janelas, bem como as luzes de ambos os lados da porta. O Julian ficou no interior, a ajudar-me com os hóspedes e com os académicos que estavam instalados nos Pavilhões da Ribeira da Nora, enquanto estes se orientavam pelas águas turbulentas da conversa fiada com seres que não viam qualquer motivo para esse tipo de comunicação.

Pareceu-me que estava tudo a correr muito bem até que a Raposa Sensual tirou uma guloseima da taça que o Cougar estava a levar até à porta, após o que transformou a cabeça numa Raposa total para trincar um rato.

Engraçado. Mesmo depois de voltar a ficar com uma cabeça quase

toda humana, os homens que haviam estado a namoriscar com ela mostraram-se relutantes em querer conhecê-la melhor. Nessa altura podia ser pelo hálito dela. Ou pela ponta da cauda de rato que tinha entre dois dentes.

Eu, por outro lado, correra para a porta a tempo de ouvir o Cougar a perguntar:

— Cabeça ou cauda? — antes de oferecer a taça a um menino de uma espécie indeterminada.

— Não! — exclamei.

O Grimshaw ficou atento.

— Porquê? — quis saber o Cougar. — Temos muitas.

Os rapazes — ou alguém — tinham andado entretidos a angariar guloseimas. Graças aos deuses, o Conan estendeu a taça com os rebuçados. A taça do Cougar continha metades de ratos e de esquilos que haviam sido limpos das entranhas menos apetitosas.

O Cougar garantiu-me que ele e o Conan eram capazes de distinguir entre jovens humanos e *terra indigene*, mas fiquei a pensar na quantidade de telefonemas que o Grimshaw iria receber naquela noite de pais histéricos de rapazes humanos quando estes despejassem o saco de guloseimas na mesa da sala e vissem a contribuição singular do Cacharolete para a Noite do Brincão.

Encarreguei-me da distribuição de doces — só rebuçados. Já só restava uma mancheia de crianças quando uma rapariga se acercou da porta vinda de uma direção e dois rapazes, mais ou menos da mesma idade, se dirigiram a mim. Todos estavam vestidos de preto, mas dois deles pareciam usar máscaras, ao passo que a outra parecia... aquilo que era.

— Somos vampiros — anunciou um rapaz de capa e lábios vermelhos criados com o que deveria ter sido surripiado do estojo de maquilhagem da mãe.

— E eu também — adiantou a rapariga.

— Ah és? Mostra lá as tuas presas. — O rapaz estava genuinamente interessado, de tal modo que estendeu o saco das guloseimas na minha direção sem confirmar o que poderia estar prestes a receber.

A voz do Ilya fez-se ouvir vinda das trevas.

— É falta de educação mostrar as presas em público.

A menos que vás morder alguém.

Eu sabia que não era bem assim, pois o Ilya deixava vislumbrar uma presa quando estava divertido — ou quando ameaçava alguém —, mas

imaginei que ele não quisesse que jovens Sanguinati fossem consideradas uma fonte de entretenimento. *Dá-me um tostão e mostro-te as presas.*

Os jovens vampiros, tanto a real como os supostos, afastaram-se. O carro que transportava as crianças humanas desceu a estrada de acesso.

Aproximaram-se outros três Sanguinati. Adolescentes. A rapariga era linda e aparentava ser um pouco tímida, o que me pareceu o engodo perfeito para o tipo de homem que achava que ser tímida significava não ser capaz de dizer não. Um dos rapazes tinha um aspeto agradável, ao passo que o outro tinha um aspeto que me fez pensar que dali a uns anos iria concorrer com o Ilya pelo título de Senhor Apetitoso.

Só o rapaz de aspeto agradável tinha um saco de guloseimas. Antes que eu pudesse distribuir os rebuçados, o Julian chegou ao pé de mim e deitou quatro pequenas tablets de chocolate para dentro do saco. Olhou para os adolescentes e indicou tranquilamente:

— Partilhem.

Os Sanguinati agradeceram-lhe e afastaram-se da porta quando o Ilya se acercou.

— Tu e a Natasha querem juntar-se a nós? — convidei. A Natasha Sanguinati era minha contabilista. Aceitara recentemente o Ilya como parceiro, algo que não era do conhecimento geral da população humana, pois os Sanguinati — bem como as outras formas de *terra indigene* — não gostavam de responder a questões sobre a espécie.

O Julian disse que havia um termo para quem se mostrava demasiado curioso em relação aos rituais de acasalamento dos vampiros: «paparoca».

Depois de conhecer os Anciões que viviam no Lago do Silêncio, sabia que ele não estava a tentar ter graça.

O Ilya hesitou por um instante e virou a cabeça, como se conferenciasse com alguém. Depois olhou para mim e sorriu, tendo o cuidado de não exhibir presas.

— Obrigado. Será uma boa oportunidade de socializar. Vamos acompanhar os juvenis à Casa do Silêncio e regressaremos.

Como não tinha ouvido um carro, imaginei que os Sanguinati tivessem assumido a forma de fumo e atravessado o lago para chegar ao Cacharolete, voltando à Casa do Silêncio pelos mesmos meios.

Já estava a fechar a porta, mais do que pronta para contar os meus hóspedes e comer alguma coisa, quando quatro adolescentes subiram a estrada de acesso num ritmo arrogante e chegaram à luz.

Eram humanos. Eu sabia que eram humanos. Mas olharam para mim

da mesma forma que os amigos do meu ex-marido olhavam para mulheres — o que os tornava as criaturas mais bestiais a entrarem no Cacharolete naquela noite.

Capítulo 5

GRIMSHAW

Dia do Vento, 31 de Cinza

Quando o telefone móvel começou a vibrar, Grimshaw afastou-se da porta, o suficiente para ter alguma privacidade, mas perto o suficiente para ser capaz de chegar a um lugar seguro caso algum dos residentes mais perigosos do Cacharolete andasse pelo escuro a observar aquele ritual humano.

— Fala o Grimshaw.

— Chefe? — disse Osgood. — Acabámos de receber uma mensagem invulgar.

Não era, de todo, o que gostaria de saber na Noite do Brincão.

— E? — À falta de resposta, interrogou-se se a ligação teria caído. — Osgood? Estás aí?

— Sim, senhor.

— A mensagem?

— Cabaça. Ossos. Penas pretas. Cauda de cascavel. — Um fôlego entrecortado. — Caixão.

Bolas.

— Quem transmitiu a mensagem?

— O capitão Burke. De Lakeside. Disse que a mensagem era de uma rapariga do Pátio.

Deuses em cima e em baixo. «Rapariga do Pátio» queria dizer a profetisa de sangue. E *isso* queria dizer que não se tratava de uma partida de Noite do Brincão.

— O Burke disse mais alguma coisa?

— Disse que uma pergunta foi feita quatro vezes. A resposta para Talulah Falls, para a Ilha Grande e para Lakeside foram as primeiras quatro imagens. O Lago do Silêncio foi o único que teve o caixão.

— Liga à Ineke Xavier. Ela que fique de olho nos hóspedes. E tu, tem cuidado.

— Sim, senhor.

Desligou a chamada e voltou à porta, aonde chegou ao mesmo tempo que quatro adolescentes miravam Vicki DeVine de uma forma que se destinava a assustar qualquer mulher com juízo. Como homens agressivos tendiam a provocar ataques de ansiedade a Vicki, agradeceu rapidamente a Mikhos, o espírito guardião da polícia, dos médicos e do pessoal médico, que Ilya Sanguinati ainda não tivesse regressado.

— Já são um bocadinho crescidos para isto, não? — indagou, tentando equilibrar a voz que queria usar com um tom e um volume que não fizessem Vicki cair para o lado.

— E tu *não*? — perguntou o que tinha o machado falso enterrado na cabeça.

Ora, ora. Se não sabiam quem ele era, não seriam locais. Talvez tivessem alugado uma das caravanas nos limites da aldeia para estarem em Sproing na Noite do Brincão. Com aquela atitude, não teriam tido tempo sequer para abrir as malas na pensão da Ineke, e muito menos vestir as máscaras que os faziam parecer figurantes num filme de terror.

Um segundo rapaz olhou para Vicki com uma expressão que fez Grimshaw ter vontade de o arrastar até à esquadra e confirmar se teria cadastro por agressões a mulheres.

Grimshaw deu um passo na direção de Vicki, deixando que o corpo servisse de escudo — e percebeu que isso não chegaria. Quatro jovens arrogantes — e, provavelmente, sob o efeito de alguma coisa. Drogas? Talvez. Deviam ter deixado o carro ao fundo da estrada de acesso. Ainda era um longo caminho para se fazer no escuro, sobretudo por ali.

O Cabeça de Machado sorriu.

— Estás no caminho.

A ideia era essa.

— Vão lá andando, pessoal.

— Só quando tivermos o nosso doce. Não queres que comecemos a fazer travessuras, pois não?

Atrás de si, Grimshaw ouviu Vicki a murmurar:

— Tem coragem, tem coragem, tem coragem. — Quis dizer-lhe que não era altura de ser corajosa. Era altura de trancar as portas e chamar a polícia antes que...

— *Homem macaco* — trinou uma voz feminina que vinha do escuro.

— *Homem macaaaaaaco* — trinou uma segunda voz feminina.

Grimshaw arrepiou-se. Esperava nunca mais ter de ouvir aquelas vozes.

— *Venham fazer travessuras com a gente, homens macaco* — trinou uma terceira voz feminina.

Sentiu movimento atrás de si e, de repente, Vicki desaparecera e Conan e Cougar estavam atrás dele, a bloquear a entrada.

— Wayne, entra — aconselhou Julian calmamente. — Não podes fazer nada. Os tolos estão no território selvagem.

— Posso prendê-los e fazê-los passar a noite numa cela — retrucou.

— Prender-nos? — escarneceu o terceiro jovem. — Pelo quê?

— Por me estarem a importunar. Como sou o chefe da polícia das redondezas e estamos na Noite do Brincão, é motivo mais do que suficiente.

— *E, com isso, ficam vivos.*

Sentiu algo pressionar-lhe o ombro, sentiu bigodes a fazerem-lhe cócegas na face antes de um som cavo e zangado lhe fazer estremecer as costas e o peito. E depois ouviu Julian a murmurar:

— Não olhes.

Os tolos adolescentes olhavam para aquilo que o empurrava — e ficou a ver quatro palermas arrogantes a transformarem-se em crianças aos gritos que perderam o controlo da bexiga segundos antes de começarem a correr estrada de acesso abaixo.

Um ronco satisfeito.

Depois Vicki, a voz carregada de um pânico reprimido, disse:

— Cougar? Essa cara é demasiado assustadora para a nossa festa.

Cougar empurrou Grimshaw, desaparecendo além das zonas iluminadas.

Conan soltou um fôlego capaz de derrubar uma criança pequena.

— Tenho de fazer desaparecer o cheiro, ou então tudo o que vive no Cacharolete vai andar por aqui a marcar território para afugentar os intrusos.

Grimshaw arrepiou-se ao pensar nos Anciões que viviam naquelas terras a marcarem o território mesmo à porta de Vicki — sobretudo naquela noite, com a casa cheia de estranhos.

Estranhos muito calados.

Virou-se e observou os foliões. Humanos de um lado do grande *hall* de entrada, *terra indigene* no outro lado. Vicki ao meio, com o braço de Julian à sua volta para a amparar. E todos olhavam para ele.

Mirou Julian, que abanou a cabeça.